



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 01/06/18

GLOBAL	2
Rabobank proyección positiva del mercado mundial de carnes bovinas.....	2
BRASIL	2
Cepea: mercado de gordo e inverne paralizado por la huelga	2
Huelga de camioneros: fuerte impacto	3
Continúan medidas pese a los anuncios de tregua	3
Huelga cumple ocho días.....	4
Asociación de Camioneros confirma la firma de un acuerdo	4
Reacción adversa ante la tabla de valores mínimos de fletes.....	5
Abrafrigo: sector vacuno dejó de mover por R\$ 4,500 millones.....	5
Huelga provoca alza del precio mayorista de la carne bovina.....	5
ABIEC perjuicio del sector exportador suma R\$ 170 millones	6
Lenta normalización en el abastecimiento de combustible	6
Ministro de Agricultura a la espera de la reapertura de RUSIA	6
Vacuna contra la aftosa un producto en extinción	6
URUGUAY	7
Precio del novillo gordo alcanzó su techo en US\$ 3,50 por kilo	7
Uruguay negocia retomar la venta de mondongo a China.....	8
Uruguay avanza en nuevo protocolo de carne vacuna con China.....	9
Finalizó periodo de consultas públicas para exportación de carne a Japón.....	9
RUSIA: rechazan un cargamento de menudencias procedente de URUGUAY	9
Tiempos turbulentos por delante	9
Mercado cárnico mantiene demanda, según Inac.....	10
INAC "Si no tuviésemos trazabilidad, venderíamos la carne a un precio 15% más bajo"	10
Presidente de INAC sobre la compra de Frigorífico San Jacinto.....	11
INAC defiende el consumo de carne, en momentos en que tiene tantos detractores	11
PARAGUAY	12
Ingreso ilegal de carne: Nuevo Ministro de Agricultura y de SENACSA.....	12
Nuevo Ministro de Agricultura L. Gneiting – Afirmó que contrabando se ocultó al Presidente	12
Fredis Estigarribia es el nuevo titular de Senacsa.....	12
Imputan a otras tres personas por el contrabando de carne	13
Aplican multas a Frigorífico Concepción, Guaraní y All Food por carne ilegal.....	13
UNIÓN EUROPEA	14
Comisión Europea reacciona ante anuncio de derechos adicionales impuestos por ESTADOS UNIDOS	14
Política Agropecuaria Común hacia 2020	15
ESTADOS UNIDOS	16
Faena de vacas contribuye a aumentar la producción pero pone en riesgo el aumento del stock	16
NCBA aplaude ley que extiende el horario de los transportistas	17
USMEF organizó campaña de promoción en SUECIA	17
VARIOS	18
AUSTRALIA levantó la prohibición sobre el ingreso de carnes bovina del JAPON.....	18
NUEVA ZELANDA sacrificará 150.000 vacas para erradicar un peligroso virus.....	18
EMPRESARIAS	18
Minerva fue rehabilitada para exportar a IRAN	18
URUGUAY Aumentan los rumores, ¿NH Foods muy cerca de comprar Frigorífico San Jacinto?.....	19
URUGUAY Frigorífico Rosario retomó la faena con 250 vacunos semanales	19
JBS USA anuncia emisión de títulos de deuda por US\$ 500 millones	19



GLOBAL

Rabobank projección positiva del mercado mundial de carnes bovinas

Fonte: MeatPoultry.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 25/05/18 - por Equipe BeefPoint
De acordo com o último relatório Beef Quarterly do Rabobank, as perspectivas globais para a carne bovina como um todo parecem fortes devido aos preços favoráveis, bem como aumentos no consumo e na produção durante o segundo trimestre. No entanto, existem pressões em alguns dos principais mercados do mundo que podem resultar em ventos contrários.

O clima seco prejudica o mercado dos EUA desde o final de 2017, agravado pela precipitação abaixo do normal durante o inverno, o que impactou negativamente o pastoreio. Essas pressões forçaram o envio de bezerros leves confinamentos e, conseqüentemente, levaram ao aumento do número de animais confinados nos EUA de setembro a fevereiro. Espera-se que esse cenário continue até agosto e reduza o fornecimento de boi gordo durante o quarto trimestre.

O Rabobank disse que 20 estados atualmente sofrem com o estresse de seca e que 70% das vacas de corte residem em estados com estresse hídrico. Oito estados que contêm 34 por cento do rebanho de vaca estão condições de seca extrema a excepcional.

Fora dos EUA, as exportações de carne de frango e suína do Brasil diminuiram, enquanto o fornecimento de carne bovina cresceu, criando uma grande disponibilidade de proteína animal. Isso pressionou os preços no mercado doméstico e, se continuar, poderá levar a indústria de carne bovina do Brasil a buscar mais oportunidades de comércio nos mercados internacionais. As exportações brasileiras de carne bovina cresceram 20% no primeiro trimestre deste ano. Aves e suínos precisarão ajustar a oferta para lidar com o menor acesso ao mercado antes que haja estabilidade nos preços locais.

No ano passado, acreditava-se que o comércio de gado vivo entre a China e a Austrália seria de 100 mil cabeças em 2018. O primeiro carregamento de 1.600 deixou a Austrália em janeiro. A cadeia de fornecimento de gado vivo que enfrenta protocolos difíceis que exigem abate no prazo de 14 dias após a chegada, pode ser superada usando o e-commerce como uma plataforma de venda, de acordo com o Rabobank. A economia do acordo parece favorável à medida que os preços na Austrália caem.

Redirecionar o gado australiano para a China pode começar a se misturar com a aquisição de carne bovina no Sudeste Asiático, apesar de que a quantidade de 100 mil cabeças pode ser considerada pequena, em comparação com a produção de 7,1 milhões de toneladas da China. A Indonésia anunciou a importação de 100.000 toneladas de carabef (carne de búfalo) da Índia, o que representaria facilmente 100.000 cabeças de gado desviadas para a China. Isso também veria a Indonésia se tornar um mercado importante para a Índia, com mais cadeias de fornecimento potencialmente permanentes.

À medida que os principais exportadores, Brasil, Estados Unidos e Austrália aumentam o volume das exportações e aumenta a produção global, a pressão da oferta aumentará, segundo o relatório. Produtores e participantes do mercado precisarão evitar as potenciais armadilhas e superar os desafios à medida que surgirem.

Rabobank

Supply Pressure Building in Major World Beef Markets

31 May 2018 - It's been a positive start to 2018 for the global beef sector – with production and consumption up and prices generally favourable – however, building pressures in some of the world's major beef-producing nations have the potential to change export market dynamics, with implications for New Zealand, according to a recently-released industry report.

In its Beef Quarterly Q2 2018 – Production continuing to Grow, but Supply Pressure Starting to Mount, agribusiness banking specialist Rabobank says supply pressure is growing in global beef markets due to dry weather conditions in the US, a surplus of animal protein in Brazil and changes in live cattle trade out of Australia.

Report co-author, Rabobank New Zealand animal proteins analyst Blake Holgate says the degree to which these supply pressures continue to build will determine the extent of their impact on global markets.

“Each of these factors has the potential to cause major disruption to global beef trade flows and to drive global beef pricing lower. In coming months beef producers here in New Zealand and internationally will be hoping for developments that relieve these pressures and ensure beef markets remain balanced moving into the second half of 2018,” he said.

BRASIL

Cepea: mercado de gordo e inverne paralizado por la huelga

Fonte: Cepea. O mercado de boi gordo, que já registrava fraco ritmo de negócios nas primeiras semanas de maio, está paralisado diante do atual cenário. O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada



(Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) praticamente não registrou negócios envolvendo boi gordo e bezerro em algumas praças, o que fez com que muitas ficassem sem indicações de preços em alguns dias. De um lado, pecuaristas têm deixado os animais no pasto, na tentativa de reduzir a necessidade do uso de suplementos.

Muitas indústrias de ração estão sem matéria-prima para processamento e, no caso das que têm derivados estocados, a dificuldade está na distribuição. Esse cenário pode resultar em menor produtividade. De outro lado, no frigorífico, novas cargas de animais não chegam e, mesmo onde houve abate no correr da semana, a impossibilidade de distribuição da carne fez com que a indústria interrompesse as atividades nesta semana.

Sexta-feira, 1 de junho de 2018 - Até o fechamento da última quarta-feira (30/5), em função da greve dos caminhoneiros, as indústrias frigoríficas não compravam matéria-prima. As vendas eram raras, aconteciam em pequenos volumes, para poucas localidades onde era possível fazer entregas.

Em função disso, muitos frigoríficos trabalhavam com estoques completamente cheios e estes não mexiam nos preços há duas semanas. Sem movimentação de compra e venda é impossível encontrar uma referência.

Já aqueles poucos que negociavam regionalmente impuseram pequenos reajustes aos preços. Com isso, na média geral, os preços subiram 0,3% no acumulado dos últimos sete dias. Com isso, a trajetória de preços firmes completa oito semanas.

É prejuízo para todos os lados. Os pecuaristas que tinham programado a venda das boiadas terminadas, não podem cumprir. Ou seja, é mais desembolso não programado, afinal, a seca já chegou, é preciso suplementar.

As indústrias não estão operando, não estão gerando receita, portanto, os custos fixos e variáveis indiretos não estão sendo “cobertos”. Os estoques parados custam para os empresários. E a coisa continua atrapalhando cadeia afora, refletindo em menos movimentação também nos segmentos que direta ou indiretamente atendem pecuaristas e indústrias.

Por fim, quanto mais tempo levar para que o movimento que impede a circulação de mercadorias seja dissolvido, maior será o “acúmulo” de demanda. Isso pode puxar fortemente os preços da carne quando os frigoríficos voltarem a distribuir a produção.

Huelga de camioneros: fuerte impacto

Continúan medidas pese a los anuncios de tregua

25/05/18 - por Equipe BeefPoint

Mesmo após o governo anunciar um acordo com os caminhoneiros, os protestos prosseguem nesta sexta-feira em alguns Estados do país. No quinto dia de manifestações, há caminhões parados na Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Ontem, o governo anunciou que obteve uma trégua de 15 dias com os caminhoneiros após garantir por 30 dias o tempo de congelamento com 10% de desconto no preço do óleo diesel, com o Tesouro bancando o subsídio para a Petrobras.

O Palácio do Planalto também aceitou estabelecer uma política de periodicidade mensal de reajustes do combustível, com os eventuais impactos econômicos causados pelo não reajuste diário na Petrobras também sendo bancados pelo Tesouro Nacional.

Após a divulgação do acordo do governo e oito entidades da categoria, caminhoneiros autônomos que estão nas rodovias disseram que não iriam suspender a paralisação.

“Os supostos sindicatos que estão negociando não representam os caminhoneiros que estão na rua”, disse o motorista Aguinaldo José de Oliveira, 40, que trabalha com transportes há 22 anos e para quem o movimento não tem um líder. “São uns aproveitadores que não falaram com a gente antes da greve e chegaram agora, quando já estava tudo parado”, afirma o caminhoneiro que está parado na av. Anhaguera, Campinas.

Segundo ele, os caminhoneiros pretendem manter a paralisação porque o acordo não atinge as suas principais reivindicações. “São 14 itens que a gente nem conhece. O principal é a redução do diesel, mas não essa esmola temporária de 15 centavos.”

Outro caminhoneiro de 48 anos, parado em Campina Grande, na Paraíba e que preferiu não se identificar, concordou que o acordo não representa os trabalhadores autônomos.

“Nenhum caminhoneiro vai aceitar esse acordo. O Brasil vende diesel para a Bolívia a R\$ 1,80 e a gasolina a R\$ 2,50. Por que não pode vender aqui também?”, questionou.

E reclamou de outros pontos que não apareceram no acordo. “Por que só caminhoneiros têm que usar tacógrafo e fazer exames toxicológicos?”. Para ele, ou todos os motoristas deveriam ser obrigados a cumprir tais exigências ou que nenhum fosse.



“Pagamos R\$ 400 para um exame toxicológico, IPVA, diesel caro e ainda temos que pagar pedágio”, disse. “Não está faltando nem comida, nem bebida para gente, vamos continuar nas estradas”, afirmou o caminhoneiro.

Reflexos da greve

Ontem, no quarto dia da greve, aumentou o número de empresas paralisadas total ou parcialmente em consequência do protesto e houve uma intensificação do desabastecimento no comércio. A falta de matérias-primas começou a afetar setores importantes da indústria, como celulose e química.

Em meio à crise disparada pela alta dos preços dos combustíveis, senadores atacaram o presidente da Petrobras, Pedro Parente, pedindo a sua demissão. O presidente Michel Temer, entretanto, vem articulando o tempo todo uma solução para a crise com o executivo. E, até o início da noite de ontem, não cogitava retirá-lo do posto.

Huelga cumple ocho días

Fonte: Estadão. 28/05/18 - por Equipe BeefPoint

A paralisação dos caminhoneiros entra nesta segunda-feira, 28, no oitavo dia. A categoria ainda mantém bloqueios em todo o País, o que causa o desabastecimento de produtos e combustível nas cidades. Polícias estaduais, Polícia Federal e tropas do Exército negociam a saída dos manifestantes das estradas e fazem escoltas para liberar a saída de caminhões-tanque de refinarias.

Na noite de domingo, o presidente Michel Temer anunciou 6 medidas em resposta às reivindicações dos caminhoneiros:

- 1) A redução de R\$ 0,46 no preço do litro do diesel. Isso corresponde aos valores do PIS/Cofins e da Cide, somados. Segundo Temer, o governo irá cortar do orçamento, sem prejuízo para a Petrobrás;
- 2) A garantia de congelamento do preço do diesel por 60 dias. Depois disso, o reajuste será mensal, de 30 em 30 dias;
- 3) Será editada uma Medida Provisória para a isenção de eixo suspenso em praças de pedágios, tanto em rodovias federais, como nacionais;
- 4) O estabelecimento de uma tabela mínima de frete, conforme previsto no PL 121, em análise no Congresso;
- 5) A garantia de que não haverá reoneração de folha de pagamento no setor de transporte de carga;
- 6) A reserva de 30% do transporte da carga da Conab para motoristas autônomos.

Mais cedo, o Comando Militar do Sul (CMS) do Exército Brasileiro havia afirmado, em um vídeo divulgado em sua página oficial na internet, que espera resolver o “problema” causado com a greve de caminhoneiros na região pela negociação, e não pelo emprego da força.

CMS pede que os caminhoneiros colaborem e afirma que é “necessário que se entenda” que é por meio do diálogo que se chegará a uma solução que beneficie a todos.

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, demonstrou preocupação com a paralisação de caminhoneiros. Segundo ele, com o movimento, que completa sete dias, “a economia brasileira está sendo asfiriada”. “Todos estamos na iminência de um grave conflito social”, relatou em comunicado.

O governo vê participação de patrões, empresários do transporte e distribuição na greve. Já foram abertos 37 inquéritos, em 25 Estados, para investigar a prática de locaute. Segundo a Polícia Rodoviária Federal, 400 multas já foram aplicadas, que juntas somam pouco mais de R\$ 2 milhões.

Asociación de Camioneros confirma la firma de un acuerdo

Fonte: Valor Econômico. 28/05/18 - por Equipe BeefPoint

A Confederação Nacional do Transporte (CNT) considera que os caminhoneiros foram atendidos pelas medidas anunciadas pelo governo e pede força policial para que os veículos das empresas voltem a circular normalmente, conforme nota divulgada nesta segunda-feira.

“A CNT considera que os caminhoneiros foram muito bem atendidos. O bloqueio de caminhões de propriedade das transportadoras é ilegal e pede força policial para que os veículos das empresas voltem a circular normalmente”, diz o texto.

Também nesta segunda-feira, a Associação Brasileira dos Caminhoneiros (Abcam) confirmou a assinatura do acordo para pôr fim à paralisação dos caminhoneiros autônomos. O governo federal decidiu congelar por 60 dias a redução do preço do diesel na bomba em R\$ 0,46 por litro, valor referente ao que seria a retirada do PIS/Cofins e da Cide sobre esse combustível. Depois desse período, o preço do diesel será ajustado mensalmente. Além disso, a alíquota da Cide sobre o diesel será zerada até o final do ano.

“A Abcam considera o acordo assinado uma vitória, já que o anterior previa uma redução de apenas 10% por apenas 30 dias. Entretanto, a associação acredita que até dezembro deste ano o governo encontre soluções para que essa redução seja permanente”, informou a associação, em nota.

Ministros que integram o gabinete de crise e representantes da área econômica do governo passaram o dia reunidos, ontem (27), no Palácio do Planalto, para calcular os impactos do acordo, assinado à noite por lideranças dos caminhoneiros autônomos.



“Sendo assim, já que o objetivo foi alcançado, a Abcam pede a todos os caminhoneiros que voltem ao trabalho”, diz a nota da entidade.

Em mensagem, o presidente da Abcam, José da Fonseca Lopes, pediu que os caminhoneiros voltem satisfeitos e orgulhosos.

“Conseguimos parar este país e sermos reconhecidos pela sociedade brasileira e pelo governo. Nossa manifestação foi única, como nunca ocorreu na história. Seremos lembrados como aqueles que não cederam diante das negativas do governo e da pressão dos empresários do setor. Teremos o reconhecimento da nossa profissão, de que nosso trabalho é primordial para o desenvolvimento deste país. Voltem com a sensação de missão cumprida, mas lembrando que a luta não termina aqui”, disse.

Reacción adversa ante la tabla de valores mínimos de fletes

Fonte: Folha de São Paulo. 28/05/18 - por Equipe BeefPoint

Oito entidades do agronegócio se posicionaram nesta segunda-feira (28) contra a tabela de preço mínimo para o frete rodoviário, estabelecida pelo governo Temer em medida provisória para tentar acabar com a greve dos caminhoneiros.

A avaliação é que o tabelamento do frete pode acabar deixando a conta da paralisação dos caminhoneiros para as indústrias ligadas ao setor agrícola, que utilizam intensamente o transporte rodoviário. Estavam presentes representantes dos esmagadores de soja, da indústria de suco de laranja e dos fabricantes de ração.

“Temos que ter liberdade na negociação do preço do frete. São dezenas e dezenas de tipos diferente de carga. Implementar esse preço mínimo é impossível”, diz Roberto Betancourt, diretor-executivo do Sindicatos, que representa os fabricantes de rações.

Para André Nassar, diretor-executivo da Abiove, que reúne as esmagadoras de soja, os preços do frete já subiram 15% este ano e vinham se ajustando ao aumento no valor do diesel, mas o problema foi provocado por um aumento excessivo na carga tributária do combustível pelo governo.

“Por conta disso, o mercado não reagiu perfeitamente. Não podemos pagar a conta desse ajuste”, disse Nassar em coletiva de imprensa. Segundo o executivo, se o preço mínimo do frete for realmente inevitável, o setor agrícola quer pelo menos participar da discussão da tabela.

Pela medida provisória, os preços mínimos do frete, que devem ser divulgados em cinco dias e vigorar por um semestre, serão definidos pela ANTT (Agência Nacional de Transporte Terrestre), após consulta aos caminhoneiros autônomos, cooperativas e transportadoras. A MP não inclui os tomadores de frete na discussão.

O setor agrícola é um dos mais afetados pela greve. As indústrias de farelo de soja e biodiesel estão todas paradas porque não conseguem escoar a produção e não tem mais lugar para armazenar produto.

Sem receber o farelo de soja e outros insumos, as fábricas de ração também pararam e não conseguem enviar produto para as granjas, o que já provoca mortes de animais.

Abrafrigo: sector vacuno dejó de mover por R\$ 4,500 millones

Portal DBO - 29/05/2018 Segundo Abrafrigo, importadores já questionam a capacidade de cumprimento dos prazos

A Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) estimou que, com a paralisação dos caminhoneiros, o setor de carne bovina deixou de movimentar nestes últimos nove dias R\$ 4,5 bilhões tanto nas operações para o mercado interno como nas exportações. O presidente executivo da entidade, Péricles Salazar, disse, em nota, que os países importadores já começam a questionar a capacidade do País de cumprir os contratos de exportação.

“Eles começam a se movimentar para cancelar ou considerar extintos estes contratos”, informou Salazar. De acordo com a Abrafrigo, a previsão era de que o Brasil chegasse a um total de exportações próximo de US\$ 7 bilhões em 2018, com crescimento de 10% sobre o ano passado.

Huelga provoca alza del precio mayoristade la carnes bovina

Portal DBO - 29/05/2018 Os preços da carne bovina subiram 0,5% no atacado na semana passada. O comportamento altista começou a empurrar para cima as cotações da carne bovina no final da primeira quinzena de abril e não parou mais.

Demanda absorvendo com alguma facilidade a oferta existente, mesmo sendo oferta de final de safra, que é normalmente mais dilatada, explica estas valorizações consecutivas.

Este é o retrato do que ocorreu no acumulado dos últimos sete dias. Mas há um fato novo no mercado, a greve dos caminhoneiros. Isso tem afetado a compra de matéria-prima e também o escoamento da produção dos frigoríficos.



Ou seja, ao consumidor, isso traria alta aos preços. Para o produtor, pressão de baixa. Quanto mais “parada” ficar a frota de caminhões, mais baixista tende a ser a transição entre a safra e a entressafra do capim.

Fonte: Scot Consultoria Sem escoamento, produção estocada nos frigoríficos deve intensificar pressão de baixa da @

ABIEC perjuicio del sector exportador suma R\$ 170 millones

30/05/18 - por Equipe BeefPoint A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) contabiliza um prejuízo de R\$ 170 milhões nestes nove dias de greve. De acordo com o presidente da Abiec, Antônio Jorge Camardelli, o setor bovino exporta ao exterior 40 mil toneladas semanalmente.

Camardelli disse durante o Fórum de Investimentos Brasil 2018 na terça-feira (29) que teme o Brasil ser prejudicado a longo prazo diante da grande concorrência internacional por exportação. O ministro Blairo Maggi também esteve no evento.

“O Chile vinha segunda-feira (4) e já cancelou”, informou. “Estamos com 120 frigoríficos associados paralisados, sem abates. Sem abates, não é possível haver auditoria para exportação”, lamentou Camardelli.

Uma das consequências da greve será o aumento do preço das carnes, acredita Camardelli. “Teremos que aumentar preço para compensar o estrago feito, tanto no mercado interno quanto no externo”, afirmou. As informações são do jornal O Estado de São Paulo.

Lenta normalización en el abastecimiento de combustible

Fonte: Estadão.30/05/18 - por Equipe BeefPoint A paralisação dos caminhoneiros começa a dar sinais de enfraquecimento nesta quarta-feira, 30. As filas para reabastecer veículos diminuem aos poucos nos postos, mas a estimativa das distribuidoras é de que ao menos uma semana será necessária para a normalização do abastecimento.

Ainda há centenas de pontos de concentração de caminhões nas estradas brasileiras, mas com menor número de veículos envolvidos. As Forças Armadas afirmam que foram transportadas 35% das necessidades do País durante a terça-feira, 29.

Os militares negam concordar com os pedidos de intervenção que aparecem nos protestos. O chefe do Estado Maior Conjunto, almirante Ademir Sobrinho, disse que as Forças Armadas “seguem o que está na Constituição: democracia.”

Rodovias

O tráfego está fluindo normalmente em todas as rodovias do Sistema Anchieta-Imigrantes nesta manhã de quarta-feira, informou a Ecovias, concessionária que administra o sistema paulista. Até por volta das 7h, não havia registro de manifestações ou bloqueios.

Na Grande SP, a rodovia Anhanguera foi bloqueada com barricada de fogo na altura do Trevo Jaraguá, em Osasco, por volta das 5h30 desta quarta-feira, por integrantes da Ocupação Esperança em Osasco e do Movimento Luta Popular – em manifestação de apoio à greve dos caminhoneiros e dos petroleiros. Por volta das 7h, apenas a pista local apresentava problemas.

Ministro de Agricultura a la espera de la reapertura de RUSIA

01/06/18 - por Equipe BeefPoint O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, afirmou hoje que ainda está esperando a reabertura da Rússia às carnes bovina e suína do Brasil. Moscou embargou ambos os produtos no fim do ano passado alegando ter detectado uma substância proibida na carne brasileira.

Desde então, o Ministério da Agricultura vem negociando a reabertura do mercado da Rússia, país que representava 40% das exportações de carne suína e 10% das vendas externas de carne bovina.

Em entrevista a jornalistas em São Paulo, o ministro afirmou que o governo brasileiro já respondeu a todos os questionamentos dos russos. “Já entreguei tudo o que eu tinha para entregar”, disse.

Na semana passada, os exportadores brasileiros de carnes e secretários do Ministério da Agricultura estavam otimistas com a possibilidade da reabertura russa. A expectativa deles era que Moscou reabrisse o mercado ainda em maio, o que não ocorreu.

Vacuna contra la aftosa un producto en extinción

30/05/18 - por Equipe BeefPoint A extinção da vacinação contra o vírus da febre aftosa no Brasil nunca foi tão real, o que é motivo de comemoração para os pecuaristas mas de grande preocupação para a indústria veterinária. Ainda hoje, a vacina contra a aftosa é o segundo produto mais importante dessa indústria, respondendo por um faturamento anual de R\$ 400 milhões – 7% das vendas totais do segmento.

A situação da indústria é delicada, admite Emílio Salani, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan). O problema é que, em 2019, o parque industrial



brasileiro será capaz de produzir cerca de 1 bilhão de doses de vacinas contra o vírus, ante a capacidade de 700 milhões deste ano. O volume supera em muito a demanda, que é de 330 milhões de doses e não deve parar de cair até ser extinta em 2023.

Na semana passada, todo o território nacional recebeu da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) o status de livre de febre aftosa com vacinação. Com isso, o Ministério da Agricultura pode avançar no cronograma para a retirada da vacina. Em 2019, o Estados do Acre e Rondônia deixarão de vacinar, o que deve reduzir a demanda por vacina em mais de 25 milhões de doses, segundo o presidente do Centro Nacional de Pecuária de Corte (CNPC), Sebastião Guedes.

Além disso, a redução no tamanho da dose das vacinas determinada pelo ministério agravou a ociosidade das fábricas. A partir da primeira etapa de 2019 da campanha de vacinação, em maio, as vacinas deverão ter 2 ml, e não mais 5 ml. Com isso, a capacidade da indústria foi elevada em mais de 40%, a 1 bilhão de doses.

Não bastasse isso, muitas veterinárias sequer amortizaram os investimentos feitos nessa área. No ano passado, a divisão veterinária da farmacêutica alemã Boehringer inaugurou sua nova fábrica de vacinas. A planta, em Paulínia (SP), custou mais de R\$ 150 milhões. O projeto foi idealizado pela Merial antes de a francesa ser vendida para a Boehringer, em meados de 2016.

Além da alemã, outras veterinárias também adquiriram empresas no Brasil que têm na produção de vacinas contra aftosa uma fatia relevante das vendas. O braço de saúde animal da farmacêutica americana MSD concluiu no ano passado a compra da mineira Vallée, em uma transação de quase R\$ 1,3 bilhão. A Vallée tem a maior fábrica de vacinas contra aftosa, sendo responsável por mais de 50% das vendas. Em 2016, a francesa Ceva também ingressou no mercado de aftosa, com a aquisição da Inova Biotecnologia.

Ex-executivo da indústria veterinária e hoje defensor ferrenho do fim da vacinação, Sebastião Guedes, do CNPC, não poupa críticas à indústria. “Eles comparam porque acharam que a vacinação seria eterna”, disse, elogiando a disposição do ministro da Agricultura, Blairo Maggi em mudar. Para o Brasil, deixar de vacinar pode representar o ganho de mercados importantes para a carne bovina, como Japão e Coreia do Sul.

Nos bastidores, a relação entre a indústria veterinária e o Ministério da Agricultura não está no melhor momento, e a questão envolvendo as vacinas contra a aftosa explica parte disso. Em 2017, os Estados Unidos embargaram a carne bovina in natura do Brasil em razão da detecção de abscessos (acúmulo de pus) na carne. A reação dos bovinos à vacina foi apontada como um dos motivos dos abscessos. Foi a partir daí que o governo mudou a dose das vacinas.

Neste ano, mais problemas envolvendo as vacinas colocaram em lados opostos, outra vez, o Ministério da Agricultura e as veterinárias. Entre o fim do ano passado e o início de 2018, um volume recorde de cerca de 40 milhões de doses de vacinas foi reprovado nos testes realizados pelo ministério. Essas vacinas pertenciam à MSD e à Boehringer. De acordo com Emílio Salani, as indústrias perderam ao menos R\$ 15 milhões com o descarte das doses.

As indústrias veterinárias chegaram a pedir liminar para que o Ministério da Agricultura refizesse os testes, afirmou Janaína Garçone, diretora do departamento de fiscalização de insumos pecuários da Pasta. No caso da Boehringer, os novos testes reprovaram as vacinas pela terceira vez. Segundo a diretora, as vacinas não passaram no teste de potência – que exige uma taxa mínima de 80% para a imunização. Procurada, a MSD informou que ainda pede na Justiça a realização de novos testes.

URUGUAY

Precio del novillo gordo alcanzó su techo en US\$ 3,50 por kilo

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Junio 1, 2018 La dinámica de compra de la industria se desaceleró y se espera que los precios se mantengan equilibrados

El precio del novillo gordo encontró su techo luego de dos meses de subas semanales consecutivas. Por los mejores ganados se consiguen US\$ 3,45 por kilo carcasa y el US\$ 3,50 que hace unos días era fácil de lograr esta semana pasó a ser una excepción.

Algo similar pasa con las vacas especiales y pesadas, que lograron alcanzar hasta US\$ 3,30 por kilo en negocios puntuales y hoy tienen un techo de US\$ 3,25. En el caso de la vaquillona el máximo se encuentra en US\$ 3,30 por kilo.

La dinámica de compra de la industria se ha desacelerado, con entradas a plantas que están entre 10 y 15 días.

La oferta de ganados bien terminados es mínima, aunque no se vio reflejado en el dato de faena de la semana pasada cuando se registraron 46.457 cabezas, 14% por encima de las 40.908 de la semana anterior.



Fue una alta actividad explicada básicamente por la disponibilidad de ganado de corral, sin que todavía aparezcan grandes volúmenes de ganados de verdeo. La participación de los novillos fue superior a la de las vacas, con 52,7% frente a 45%.

La firmeza de precios del ganado gordo también se ve en el mercado de reposición, que ha registrado subas y demanda por todas las categorías en los últimos remates virtuales.

En Pantalla Uruguay se vendió casi la totalidad de la ternera. Fueron muy demandados los terneros enteros principalmente destinados a la exportación en pie. El promedio para terneros fue de US\$ 2,24 por kilo, tres centavos arriba del remate anterior y el mejor valor desde setiembre del año pasado.

También subieron los novillos de 1 a 2 años (3%) y de 2 a 3 años (2%), aunque el salto más destacado fue en el precio de la vaca de invernada, de 7%, con un promedio de US\$ 1,30.

Consignatarios consultados señalaron que este equilibrio de precios se mantendrá en los próximos días, con una oferta de ganados de verdeo que irá apareciendo en cuentagotas, con algunas demoras por las lluvias.

"Cuando se dejen de faenar los ganados para la cuota, la demanda por ganados de verdes va a aumentar. En este momento se están faenando los ganados de la cuota para que puedan entrar los primeros días de julio", dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural Facundo Schauricht, integrante de Zambrano y Cía y directivo de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG).

En ovinos el mercado está firme, con muy poca oferta y demanda ávida para todas las categorías que aumentaron por quinta semana consecutiva sus valores. Hay industrias que están suspendiendo faenas de lanares. Los corderos pesados llegaron a US\$ 3,29 por kilo, con una suba de tres centavos en la grilla de ACG. Los corderos de hasta 35 kilos subieron un centavo, a US\$ 3,21 por kilo, los borregos subieron seis centavos, a US\$ 3,26, y las ovejas y capones aumentaron uno y dos centavos, a US\$ 2,92 y US\$ 3,11 por kilo, respectivamente.

Fuerte salto semanal del precio de exportación

La tonelada de carne vacuna promedió US\$ 4.195 en la semana del 20 al 26 de mayo, el valor más alto desde febrero de 2015. Dio un salto de 16% frente a los US\$ 3.602 de la semana anterior. El volumen semanal exportado, sin embargo, fue el más bajo desde agosto del año pasado, con 5.266 toneladas peso canal. En las últimas cuatro semanas móviles el promedio por tonelada fue de US\$ 3.731.

En lo que va del año el precio de exportación acumula una suba de 4,6% interanual, US\$ 3.535 frente a US\$ 3.380. El volumen exportado también es mayor a igual período de 2017, con 190.885 cabezas, 6,9% arriba de las 178.515 de un año atrás.

Uruguay negocia retomar la venta de mondongo a China

31/05/2018 Misión del MGAP logró avances en el comercio agrícola.

Más allá de los avances en el comercio con China, Uruguay está jugado a nuevos logros que faciliten la inserción de sus productos en el marco de una reunión de seguimiento de temas sanitarios y fitosanitarios, que se celebrará entre las autoridades de ambos países en el segundo semestre del año en curso.

China es el principal mercado para la carne bovina y las menudencias, la celulosa, la soja e incluso la lana, pero aún hay potencial de crecimiento en materia de lácteos, de la mano de una clase media que incorpora más proteínas a la dieta.

Tras la reciente visita del ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca de Uruguay, Enzo Benech, jefes de su secretaría de Estado y otros, se ratificó el acuerdo sanitario que habilita la exportación de ganado en pie con destino a engorde y faena y el acuerdo fitosanitario para la exportación de arándanos. Ayer en rueda de prensa, Benech y los jefes que lo acompañaron brindaron algunos detalles de la misión.

Pero en el marco de un comercio creciente con esta potencia mundial, en lo sanitario, quedan pasos relevantes, como lo es para la industria frigorífica que las autoridades sanitarias de China vuelvan a permitir el ingreso de mondongos bovinos uruguayos (estómagos del bovino), cuya corriente comercial se cortó hace varios años. Este tema se encuentra en la agenda comercial y está pendiente.

A su vez, se trabaja para que las autoridades sanitarias de China revisen la suspensión de 4 frigoríficos uruguayos que no pueden comercializar menudencias con ese destino. China es muy exigente en sus controles y en la revisión del etiquetado. Los importadores chinos fueron los principales compradores del producto años atrás y la desaparición del mercado chino implica vender a otros destinos de menor valor. A su vez, la Embajada de Uruguay en China abrió una agregaduría agrícola, en convenio con el Ministerio de Relaciones Exteriores y el MGAP. Se van a incorporar a dos profesionales chinos que trabajará al servicio del sector privado para lograr una mejor inserción de los productos uruguayos en ese mercado.

China es el principal importador de soja del mundo y las empresas uruguayas vienen cumpliendo sin problemas el nuevo protocolo sanitario. Ya se colocaron en este mercado 120.000 toneladas.



Uruguay avanza en nuevo protocolo de carne vacuna con China

31 de mayo de 2018 El Director de Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Eduardo Barre, dijo que "en la segunda parte del año habrá una instancia de negociación sanitaria con la autoridad sanitaria de China para establecer un nuevo protocolo en carne en el cual ya hemos avanzado, queda la instancia de discusión final. También se comienza una gestión de protocolo por carne aviar". En el marco de una conferencia por la misión oficial de Uruguay en la República Popular de China.

La visita de las autoridades nacionales a China del 8 al 19 de mayo ratificó entre ambos países un acuerdo sanitario que habilita la exportación de ganado en pie para engorde y faena y un acuerdo fitosanitario que habilita la exportación de arándanos.

Por otra parte, a partir de una solicitud realizada por el MGAP, las autoridades chinas se comprometieron a revisar la suspensión de cuatro plantas uruguayas que hoy no pueden comercializar menudencias en este mercado. Y se solicitó la habilitación de tres nuevas plantas frigoríficas que habían sido inspeccionadas en 2017.

En la embajada de Uruguay en China se abrió una agregaduría agrícola en convenio con el Ministerio de Relaciones Exteriores, el Ministerio de Ganadería Agricultura y Pesca y el Instituto Nacional de Carnes.

En la conferencia del pasado miércoles participaron: el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca Enzo Benech, el embajador de China en Uruguay Wang Gang, el director de Servicios Agrícolas Federico Montes, el director de Servicios Ganaderos Eduardo Barre, el director de Asuntos Internacionales Rodolfo Camarosano y el presidente de INAC, Federico Stanham.

Finalizó periodo de consultas públicas para exportación de carne a Japón

30/05/2018 - Restan ajustes de certificados sanitarios y definición para la habilitación de los frigoríficos.

El pasado 23 de mayo finalizó el periodo de 60 días de consultas públicas en Japón que significa un paso más para alcanzar la habilitación de ese mercado para la carne enfriada sin hueso.

Si bien al momento no hay detalles de los comentarios, desde el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca se catalogó la respuesta como muy positiva en su generalidad.

Uruguay logró la apertura de Japón para las exportaciones de carne vacuna en el año 1997, pero en el 2000, con el ingreso de la fiebre aftosa a la región, las autoridades sanitarias de ese país cerraron el mercado. A la fecha solo se puede enviar carne cocida y productos termoprocesados.

Autoridades de Uruguay explicaron a Rurales El País que ahora restan ajustar los contenidos de certificados sanitarios, trabajo que se realiza entre las direcciones sanitarias de ambos países.

Sin embargo el proceso de habilitación de plantas está confuso, no es claro si una misión técnica del país nipón auditoría las plantas uruguayas o las empresas habilitadas a los mercados más exigentes quedan automáticamente habilitadas y la inspección viene después.

RUSIA: rechazan un cargamento de menudencias procedente de URUGUAY

1 de junio de 2018 Los funcionarios de la Oficina de Rosselkhoznadzor revelaron violaciones de los requisitos sanitarios y veterinarios uniformes para su importación en el territorio de la Federación de Rusia, un gran lote de productos controlados - despojos carne de vacuno congelada (corazón) el peso total de 26.953 kg. La carga llegó a Primorye por mar desde Uruguay.

Durante la inspección veterinaria en el almacenamiento temporal ubicada en Vladivostok, al abrir el envase Oficina Inspector Estado reveló que este producto se sometió a la descongelación (descongelación), y luego fue re-congelado. Las cajas con los productos resultaron arrugadas y con muchos hematomas.

Sobre la base de la legislación vigente de la Federación de Rusia y la Unión Económica Euroasiática, los especialistas del departamento territorial tomaron la decisión de prohibir un mayor movimiento de los productos supervisados.

Sobre la base de la decisión de la Comisión de la Unión Aduanera (№317 de 18.06.2010) y la Resolución del Gobierno de Rusia (№1263) «Sobre la aprobación de disposiciones sobre el examen de los alimentos materiales de calidad inferior y peligrosos primas y productos alimenticios, su uso y destrucción" producidos por el muestreo de estos productos en los indicadores de seguridad, se enviaron muestras al Primorskaya MVL FGBU para llevar a cabo investigaciones de laboratorio

Tiempos turbulentos por delante

30 de mayo de 2018 Muchos aspectos en el marco del negocio ganadero y agrícola mejoraron respecto al panorama que había en enero. De las variables más directamente ligadas a la ganadería, el precio de exportación de la carne vacuna y ovina vienen 6% y 12% por encima de los precios del año pasado. Esos indicadores que consideramos fundamentales muestran que estar posicionado en carne de alta calidad es estar en un lugar sumamente interesante, importante y con futuro.



Pero el dólar hoy vuelve a quedar abajo de los \$ 31, al tiempo que la región sigue mostrando rasgos muy preocupantes tanto en lo económico como en lo político. Al gobierno argentino le será tan difícil ajustar como seguir con el déficit actual y lo mismo cabe decir de Brasil. Gobiernos debilitados y deficitarios.

En Uruguay parece muy probable que la semana que viene se paralice el transporte. A la luz de lo ocurrido en Brasil, donde la rebelión resultó en medidas muy favorables para el sector, cabe esperar que la medida se contagie..

Con Argentina y Brasil devaluando, si el dólar en Uruguay vuelve a una lógica de menos de \$ 30, se reavivarán tensiones sociales que ya son muy fuertes. Esta semana es de tensa calma, la próxima impredecible.

Mercado cárnico mantiene demanda, según Inac

31/05/2018 - Pueden darse algunas sorpresas a partir de factores externos.

El presidente del Instituto Nacional de Carnes (Inac), Federico Stanham, afirmó que en los últimos tiempos se ven buenos fundamentos para el comercio de carne, porque “en Asia la demanda está aumentando y en los demás mercados se mantienen los niveles de demanda”.

Sin embargo, aclaró que pueden darse algunas sorpresas a partir de factores externos al mercado de la carne, como pueden ser temas geopolíticos y “siempre alguna sorpresa nos podemos encontrar”. Entre esas sorpresas pueden estar las guerras comerciales, así como situaciones económicas y financieras de algunos países que pueden complicar, a futuro, el comercio de carnes.

“Hoy vemos algunas turbulencias en Europa, sean políticas o financieras”, dijo Stanham y agregó que “hay que mirarlas de cerca”, porque “lo que es muy bueno para el mercado de la carne en su conjunto, a veces otras variables traen sorpresas que están un poco fuera de lo que se espera, que afectan al comercio internacional en su conjunto y al comercio de carne”.

China. En cuanto a China, el presidente del Inac recordó que desde mediados del año pasado mostró un mercado de carnes muy dinámico que se ha reflejado en que los precios de los productos exportados hayan venido mejorando. “Se mantuvo una demanda importante de productos desde China y si miramos los valores promedio en que Uruguay está exportando carne, en estos primeros cinco meses del año, estamos entre 10% y 12% arriba de lo que estábamos vendiendo hace un año”, dijo Stanham.

INAC "Si no tuviésemos trazabilidad, venderíamos la carne a un precio 15% más bajo"

Junio 1, El presidente del INAC, tras su visita a China, evaluó cómo se acomoda Uruguay en un mercado cada vez más valioso

¿Con qué conclusiones regresó tras dos semanas en China?

Estamos aprendiendo a pasos agigantados lo que significa China. Cada oportunidad de ir y hablar, tanto con los mismos como con diferentes interlocutores, permite comprender cada vez mejor el qué y el por qué de lo que se hace en ese país. Básicamente, en términos generales, puedo destacar algunos aspectos centrales con los que me encontré. La capacidad impresionante que tiene esa economía que sigue creciendo a un ritmo importante. Esto se refleja en la vida comercial, de consumo y de infraestructura. Sin embargo, todavía es una economía muy joven que está en plena etapa de expansión. En este sentido, basta imaginar a un país de ese tamaño creciendo al 6% para saber que eso es mucho movimiento y que además se hace con una economía planificada que ejecuta mayormente lo que se planea. Al ser un mercado tan importante para nosotros desde el punto de vista comercial, tenemos un deber muy grande en entender cada vez mejor cómo es.

¿También hay que comprender a ese mercado desde un punto de vista cultural?

En todos, hay que conocerlos íntegramente porque se cruzan todos los aspectos. Cuando se da crecimiento no solo es la infraestructura, el comercio y el consumo, sino que también maduran las normativas y las regulaciones. Tenemos como desafío entender la cultura e ir asimilando junto con ellos los cambios que van proponiendo. Desde el punto de vista del Instituto Nacional de Carnes (INAC) y del sector cárnico, de las seis veces que he ido esta fue la más exitosa. Clasificaría tres niveles que tienen que ver con potenciar el negocio carne en China.

¿A qué niveles se refiere?

El primero apunta a algo que ya se viene haciendo, que es la promoción y que ha tenido como eje central la feria (SIAL), que es una instancia de comercio en el que se establece contacto con el primer escalón comercial, que es son el importador y el mayorista. Esto se viene haciendo exitosamente desde 2004 y Uruguay ha logrado un excelente posicionamiento. Por otra parte, ahora todo el sector de la carne tuvo una discusión estratégica entre los ganaderos, los industriales y las áreas técnicas para definir hace año y medio tres mercados prioritarios para avanzar también hacia el consumidor final: China, Alemania y Estados Unidos. Aunque haya otros mercados importantes, si sumas esos tres países estás casi en el 80% del comercio cárnico.

¿Qué se está haciendo novedoso sobre esto?



En China se contrató una consultora para hacer un estudio de hábitos de consumo y de comportamientos según los estratos sociales y etarios. También para conocer qué percepción hay sobre la carne uruguaya y las otras carnes que compiten con la nuestra. Lo estamos trabajando de manera metódica, con estudios de base primero y planteando un trabajo a mediano plazo. El foco es que el consumidor chino comience a conocernos mejor y esté dispuesto a pagar más. Se está preparando un trabajo fuerte para hacer conocer a Uruguay por todos los medios posibles. Ya para este 2018 vamos a empezar a trabajar con un objetivo que apunte a varios años por delante.

Mencionó además un segundo y un tercer eje.

El segundo eje importante va en el sentido de la facilitación del flujo comercial. En promedio despachamos 25 contenedores por día de carne para China, que equivale a 150.000 kilos al año. Volviendo a lo del principio, China se está volviendo más exigente al adaptar sus normas, por lo que cada contenedor es un problema en potencia. Para evitar que cuando el exportador venda se encuentre con que etiquetó de una forma y cambió la forma en que había que hacerlo, hicimos un acuerdo con una asociación técnica sin fines de lucro con el cometido de ayudar a entender cómo son las normas y se realizan los controles tanto a importadores como a exportadores. Se trata de comprender mejor los procedimientos con el fin de ajustarse a ellos, porque a pesar de que acá se trabaja muy bien, a veces se cometen errores por desconocimiento. El tercer eje es el refuerzo que se va a hacer a la embajada uruguaya allá con un agregado agrícola que va a ir en esta línea. El combo consiste en promocionar la marca Uruguay y evitar que los exportadores tengan trancazos en los puertos.

La trazabilidad sigue provocando críticas por parte de los productores. ¿Usted qué opinión tiene?

Voy a ser contundente al respecto. Hoy los dos mercados que exigen trazabilidad son Europa y China. Una salvedad, el protocolo con China firmado en 1997 no la exige porque no existía, pero la cuestión es que ellos dan por sentado que la tenemos y por eso nos han mantenido ventajas que otros países no tienen. Les exportamos carne con hueso y menudencias, a pesar de la crisis de aftosa. Ni Brasil ni Argentina le exportan estos productos. El negocio de las menudencias le genera a Uruguay entre US\$ 25 y 30 millones más que si no hubiera trazabilidad. A su vez, si tomas los frigoríficos que no tienen habilitado vender a China o Europa, su precio promedio de exportación es un 15% más bajo que el de los que tienen acceso a todos los mercados. Esto quiere decir que si no tuviésemos trazabilidad, venderíamos la carne a un precio un 15% más bajo.

¿Cómo ve la evolución del precio de la carne en el último tiempo?

El precio de la carne viene subiendo desde mediados del año pasado y ahora se estabilizó. En China no más, si uno compara esta época con la misma del año pasado, subió un 12%. La tendencia es esa, que lógicamente luego se refleja en el precio del ganado. Más allá de la escasez el precio ha permitido pagar más.

¿Es la carne que se está produciendo en laboratorios una amenaza?

Hoy en día en el mundo tenemos que estar dispuestos a reconocer que lo que es nuestro escenario en el presente, mañana va a ser totalmente distinto. Es algo disruptivo, que en realidad son tejidos, no es carne, pero va a generar un producto sustituto de una parte del consumo sin ninguna dudas. Por lo tanto, es un desafío que tenemos que tomar muy en serio. Todavía no es una amenaza real, pero sí potencial.

Presidente de INAC sobre la compra de Frigorífico San Jacinto

30/05/2018 - El presidente del Instituto Nacional de Carnes dijo que el interés por las industrias uruguayas "demuestra que el sistema cárnico de Uruguay está apetecido".

Las negociaciones entre el grupo japonés NH Foods y Nirea SA. para la compra de Frigorífico San Jacinto están muy avanzadas y todo parecería que en pocas semanas se podría conocer alguna información oficial sobre la concreción del negocio.

Federico Stanham, presidente del Instituto Nacional de Carnes (Inac), aseguró que por el momento manejan la misma información que trascendió en la prensa, "solo los rumores que se han escuchados desde hace un par de semanas y ayer de una manera más insistente".

De concretarse la operación, Stanham dijo que esta acción demuestra que "el sistema cárnico de Uruguay está apetecido" y "es valorado por los actores más importantes en el mercado de alimentos del mundo". Afirmó que se trata de "una muy buena señal, porque cuando te quieren comprar significa que tenés algo bueno".

Explicó que Uruguay "mantiene desde hace muchos años una política de apertura a la inversión extranjera" que "la fomenta, la estimula y no hace discriminación con capitales extranjeros". Además demuestra que cuando un mercado está dinámico las cosas pasa

INAC defiende el consumo de carne, en momentos en que tiene tantos detractores

Mayo 29, 2018

El organismo publicó recetas para aprovechar al máximo este producto, que descartan los vegetarianos



Este martes se celebra en Uruguay el Día de la Carne, considerando que el 29 de mayo de 1876 por primera vez un buque transportó carne congelada a través del océano Atlántico, desde el Río de la Plata a Europa.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) considera, en ese marco, que es un día propicio para difundir la importancia de la carne en la dieta humana. Esto se da a pesar de que Uruguay es uno de los países con mayor consumo de carne vacuna per cápita en el mundo, pero en el que cada vez más surgen voces en contra de su ingesta.

Y qué mejor manera de festejarlo que con una buena Colita de Cuadril a la Parrilla!

El buque que cumplió el mencionado viaje se llamaba Le Frigorifique y con ese traslado marcó un hito, iniciando una verdadera revolución a nivel industrial.

El inventor del sistema de refrigeración mecánica y armador del buque, informó el INAC, fue el ingeniero Charles Tellier, quien fue acompañado por dos uruguayos que colaboraron en ese proyecto, Francisco Lecocq y Federico Nin Reyes.

La junta directiva del INAC instauró la fecha por resolución en la década de 1980.

Este año, vinculado a su estrategia de difundir las bondades que involucra el consumo de carnes, el INAC irá compartiendo desde su portal 24 recetas de la cocina local a base de carnes con recomendaciones especiales.

Al respecto, ya difundió otro trabajo, en el que se explican las razones por las cuales es valioso incluir carne en la dieta de los primeros 1.000 días de vida en los seres humanos.

Las carnes, se explicó desde el instituto cárnico, aportan proteínas de alto valor biológico, vitaminas, minerales y Omega 3.

PARAGUAY

Ingreso ilegal de carne: Nuevo Ministro de Agricultura y de SENACSA

Nuevo Ministro de Agricultura L. Gneiting – Afirmó que contrabando se ocultó al Presidente

25/05/18 Ni el presidente Horacio Cartes sabía del volumen de carne que estaba ingresando al país –unas 11.000 toneladas este año–, porque no hubo un informe del Ministerio de Agricultura y Ganadería (MAG), según afirmó ayer Luis Gneiting, nuevo titular de dicha cartera. Fue en conferencia de prensa tras jurar como ministro en Palacio de López.

El nuevo titular del MAG destacó que una de sus principales misiones frente a la secretaría de Estado –en la que estará solamente poco más de dos meses– será resolver el problema suscitado con la importación ilegal de carne, porque se debe preservar “el producto estrella” de nuestro país, que es la carne vacuna. Señaló que Paraguay compite con grandes potencias como Estados Unidos y Australia en calidad genética y que se deben tomar todas las medidas para no perder el estatus sanitario alcanzado por el país.

Gneiting ratificó la postura del Gobierno de investigar a las firmas que importaron carne sin licencia y de castigarlas con fuertes multas una vez que se confirmen las irregularidades. “Hay empresas que no se van a salvar de la multa. Hay que sancionar a los que no cumplen con las normas”, expresó.

Ventanilla única

El nuevo ministro resaltó que la importación de carne puede hacerse con normalidad a través de la ventanilla única habilitada, que según indicó, ya está interconectada con varias instituciones, como el Ministerio de Industria y Comercio, Aduanas, Senacsa y Senave. El frigorífico Concepción sigue suspendido para la importación.

Fredis Estigarribia es el nuevo titular de Senacsa

30 de mayo de 2018 El Dr. Hugo Idoyaga fue destituido ayer de la titularidad del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) tras ocupar dicho cargo por casi seis años. Su reemplazante es el Dr. Fredis Estigarribia, quien siendo veterinario ocupó hasta ayer en forma irregular la “titularidad” del Instituto Forestal Nacional (Infona), desde setiembre del año pasado, porque según la ley debe ser un ingeniero forestal. La designación de Estigarribia se da en el marco del escándalo de carne vacuna importada del Brasil sin la certificación sanitaria, en este caso por parte de los frigoríficos Concepción, Guaraní, All Food y un cuarto cuyo nombre no mencionó.

El ministro de Industria, Gustavo Leite, sostuvo ayer en Mburuvicha Róga que el MIC no tiene culpa en esto, “porque es el último eslabón de la cadena”. Añadió que Estigarribia investigará el destino que tuvieron unas 4.000 toneladas de carne que fueron “importadas” sin la autorización de Senacsa, de las 7.600 toneladas que trajo del Brasil el frigorífico Concepción.

Por su parte, el ministro de Agricultura y Ganadería, Luis Gneiting, alegó que el informe que presentó Idoyaga no fue satisfactorio, a pesar de que se le extendió el plazo una semana más.



La administración de Idoyaga, desde que saltó la crisis de la carne “importada”, buscó difundir el respaldo recibido por el organismo internacional de salud animal (OIE), donde fue recientemente nombrado como vicepresidente, quizá para frenar su destitución, pero finalmente se decidió ayer su salida.

Imputan a otras tres personas por el contrabando de carne

30 de mayo de 2018 La fiscal María Estefanía González imputó a tres personas más por el supuesto contrabando de carne de Frigorífico Guaraní.

La agente decidió incluir en el proceso al exadministrador de Aduanas de Pedro Juan Caballero Rafael Salum Nayar Acuña y al exsubadministrador Martín Benítez Ruiz Díaz. Asimismo, imputó por contrabando, colaboración o complicidad de funcionarios públicos y producción de documentos no auténticos al veterinario Pedro Juan Pérez, porque según un informe de Senacsa se encontraba asignado para los controles pertinentes en el puesto de ingreso/egreso de Pedro Juan Caballero el día 2 de mayo de este año. En la imputación, la investigadora explica que Salum y Benítez eran los funcionarios facultados a autorizar el ingreso de los productos cárnicos en cuestión, importados por Frigorífico Concepción SA.

En este caso ya están imputados Jair de Lima, propietario del frigorífico, y otros altos funcionarios de Aduanas.

Aplican multas a Frigorífico Concepción, Guaraní y All Food por carne ilegal

29 de mayo de 2018 Hasta un 20% sobre el valor de los bienes en infracción fue la multa aplicada a los frigoríficos All Food y Guaraní, lo que implica unos G. 1.412 millones como castigo total, según informó ayer el Ministerio de Industria y Comercio, en el marco del sumario por irregularidades en la importación de carne.

El Ministerio de Industria y Comercio (MIC) multó al Frigorífico Guaraní con G. 379.603.073, mientras que a la firma All Food la sanción fue de G. 1.032.918.455, sumando juntos unos G. 1.412 millones de castigo, según las resoluciones 535 y 539 difundidas ayer por dicha Cartera de Estado.

Al respecto, el viceministro Óscar Stark explicó ayer que ambas empresas se allanaron al proceso, lo que significó el pleno reconocimiento del hecho, en este caso la transgresión a la exigencia de contar con la licencia previa emitida por el MIC para la importación de carne.

Según Stark, la empresa All Food, representada por Carlos Cruz, y el frigorífico Guaraní, cuyo directivo principal es el Ing. Luis Pettengill, facilitaron los documentos y mostraron predisposición para el desarrollo del proceso abierto por el MIC, por lo que se derivó en una rápida conclusión.

Por un lado, All Food ingresó 41 cargamentos de carne desde el Brasil, unas 1.000 toneladas, en el periodo comprendido entre el 1 de enero del 2017 y el 22 de mayo del 2018. El valor de todo lo importado se estimó en unos US\$ 1.767.632. Se concluyó que ninguna de las cargas contaba con licencia previa de importación y no presentaron autorizaciones del Senacsa en dos casos.

En el caso del frigorífico Guaraní se encontró que entre el 1 de enero y el 22 de mayo de este año importó 16 cargamentos de carne desde el Brasil, de los cuales tres contaron con licencia previa de importación mientras que trece ingresaron sin ese documento y no todos disponían de la autorización sanitaria del Senacsa.

Para algunas fuentes resultó llamativo que el sumario del MIC para Guaraní abarcara solo cinco meses, mientras que el periodo investigado a la firma All Food cubra un año y cinco meses.

Al respecto, el MIC explicó que dicha desigualdad se debe a que Guaraní no registró operación de importación de carne en 2017, mientras que All Food sí.

30 de mayo de 2018 El Ministerio de Industria y Comercio sancionó a Frigorífico Concepción por transgredir el régimen de licencia previa para importar carne del Brasil. La multa es G. 16.517.089.741. El abogado del frigorífico calificó de “desmedida” y que pedirán reconsideración.

La resolución 540, divulgada ayer por el Ministerio de Industria y Comercio, sanciona a la citada planta industrial por transgredir el régimen de licencia previa de importación de carne vacuna. El monto es de G. 16.517.089.741, que deberán ser abonado en un plazo máximo de cinco días.

La sanción fue dispuesta tras concluir el sumario administrativo iniciado por el MIC a Frigorífico Concepción luego de la incautación de 180 toneladas de carne vacuna ingresadas por Pedro Juan Caballero a nuestro país en seis camiones refrigerados sin la certificación sanitaria del Senacsa y sin la licencia previa del MIC el pasado 2 de mayo. De todas formas, otros informes del MIC hablan de que este frigorífico habría importado este año unas 7.500 Ton. de carne sin licencia previa.

El monto equivale al “10% sobre el total del valor de los bienes en infracción, carga que cumplió con exigencias de autorización sanitaria otorgada por Senacsa pero que no contaba con licencia previa del MIC, y el 20% sobre el valor de los bienes en infracción de la carga, que no ha dado cumplimiento a autorización de Senacsa y tampoco cuenta con licencia del MIC”.

Trago amargo



El abogado de Frigorífico Concepción, Pedro Ovelar, dijo que se trata de un “trago amargo” y un monto desmedido. “Analizando objetivamente entendemos que no está acorde con la norma que la ley prevé para este tipo de situaciones”, dijo ayer a ABC Cardinal, agregando que el monto es confiscatorio. Sostuvo que la multa de G. 16.500 millones corresponde solamente al MIC, y que si se suman multas y sanciones de Senacsa y Aduanas, “estamos hablando de varios millones de dólares”. Adelantó que presentarán una reconsideración, puesto que la disposición de licencia previa no estaba incluido en el sistema Sofa cuando iniciaron la importación. Recién el 7 de mayo se incluyó en ese sistema, dijo.

UNIÓN EUROPEA

Comisión Europea reacciona ante anuncio de derechos adicionales impuestos por ESTADOS UNIDOS

Brussels, 31 May 2018 The US announced that starting on 1 June 2018 it will impose additional duties of 25 % and 10 % respectively on imports of steel and aluminium from the EU.

President of the European Commission, Jean-Claude Juncker said: "I am concerned by this decision. The EU believes these unilateral US tariffs are unjustified and at odds with World Trade Organisation rules. This is protectionism, pure and simple. Over the past months we have continuously engaged with the US at all possible levels to jointly address the problem of overcapacity in the steel sector. Overcapacity remains at the heart of the problem and the EU is not the source of but on the contrary equally hurt by it. That is why we are determined to work towards structural solutions together with our partners. We have also consistently indicated our openness to discussing ways to improve bilateral trade relations with the US but have made it clear that the EU will not negotiate under threat. By targeting those who are not responsible for overcapacities, the US is playing into the hands of those who are responsible for the problem. The US now leaves us with no choice but to proceed with a WTO dispute settlement case and with the imposition of additional duties on a number of imports from the US. We will defend the Union's interests, in full compliance with international trade law."

Commissioner for Trade Cecilia Malmström said: "Today is a bad day for world trade. We did everything to avoid this outcome. Over the last couple of months I have spoken at numerous occasions with the US Secretary of Commerce. I have argued for the EU and the US to engage in a positive transatlantic trade agenda, and for the EU to be fully, permanently and unconditionally exempted from these tariffs. This is also what EU leaders have asked for. Throughout these talks, the US has sought to use the threat of trade restrictions as leverage to obtain concessions from the EU. This is not the way we do business, and certainly not between longstanding partners, friends and allies. Now that we have clarity, the EU's response will be proportionate and in accordance with WTO rules. We will now trigger a dispute settlement case at the WTO, since these US measures clearly go against agreed international rules. We will also impose rebalancing measures and take any necessary steps to protect the EU market from trade diversion caused by these US restrictions."

Background

The US measures affect EU exports worth €6.4 billion in 2017. While striving to avoid today's situation, the EU has been preparing over the last months and stands now ready to react to the US trade restrictions on steel and aluminium in a swift, firm, proportionate and fully WTO-compatible manner.

The EU will launch legal proceedings against the US in the WTO on 1 June. This was decided by the College of Commissioners on 29 May and Member States were consulted on the same day. The US measures are primarily intended to protect the US domestic industry from import competition, clearly at odds with WTO rules. In addition to the WTO dispute settlement we are launching against the US measures, we have also coordinated action in this field with other affected partners.

As regards the US tariff measures, the EU will use the possibility under WTO rules to rebalance the situation by targeting a list of US products with additional duties. The level of tariffs to be applied will reflect the damage caused by the new US trade restrictions on EU products. The list of US products is ready: it was consulted with European stakeholders and supported by Member States. The EU notified its potential rebalancing to the WTO on 18 May and, in line with the Organisation rules, could trigger them 30 days later. The Commission will now in coordination with Member States take a formal decision to proceed with the rebalancing.

The Commission is determined to shield the EU steel and aluminium markets from damage caused by additional imports that might be coming into the EU as a result of the closure of the US market. An investigation towards possible imposition of safeguard measures on steel was launched on 26 March. The Commission has nine months to decide whether safeguard measures would be necessary. This decision could also be taken much earlier in the proceedings, if the investigation confirms the necessity for swift



action. The Commission has also put in place a surveillance system for imports of aluminium to be prepared in case action will be required in that sector.

Política Agropecuaria Común hacia 2020

Commission européenne - Communiqué de presse

Bruxelles, le 1er juin 2018

Pour le prochain budget à long terme de l'UE couvrant la période 2021-2027, la Commission propose de moderniser et de simplifier la politique agricole commune (PAC).

Avec un budget de 365 milliards d'euros, ces propositions garantissent que la PAC résistera à l'épreuve du temps, qu'elle continuera à soutenir les agriculteurs et les communautés rurales, promouvra le développement durable de l'agriculture de l'Union et sera le reflet de l'ambition de l'UE en matière de protection de l'environnement et d'action en faveur du climat. Les propositions présentées aujourd'hui offrent aux États membres une plus grande marge de manœuvre et des compétences en matière de choix et de modalités d'affectation des ressources de la PAC afin d'atteindre des objectifs communs ambitieux au niveau de l'UE pour contribuer à l'essor d'un secteur agricole intelligent, résilient, durable et compétitif, tout en garantissant un soutien équitable et mieux ciblé aux revenus des agriculteurs.

Jyrki Katainen, vice-président chargé de l'emploi, de la croissance, de l'investissement et de la compétitivité, s'est exprimé en ces termes: «La politique agricole commune est une de nos principales politiques et elle concerne la vie de tous les Européens. Ces propositions solides soutiendront la compétitivité du secteur agricole tout en renforçant sa durabilité. Avec le nouveau modèle de mise en œuvre, les États membres bénéficient d'une subsidiarité accrue en vue d'améliorer l'efficacité de la politique et d'assurer un meilleur suivi de ses résultats.»

Phil Hogan, commissaire pour l'agriculture et le développement rural a déclaré: «La proposition présentée aujourd'hui répond à l'engagement de la Commission à moderniser et simplifier la politique agricole commune; en permettant aux États membres de bénéficier d'une véritable subsidiarité; en garantissant un secteur agricole plus résilient en Europe; et en intégrant un niveau plus élevé d'ambition en matière d'environnement et de climat.»

Les principaux éléments des propositions de la Commission relatives à une PAC modernisée et simplifiée sont les suivants:

1. Une nouvelle méthode de travail: Les États membres auront une plus grande marge de manœuvre lorsqu'il s'agit de choisir les modalités d'affectation des dotations financières: ils pourront élaborer des programmes sur mesure qui répondront le plus efficacement aux préoccupations de leurs agriculteurs et de l'ensemble des communautés rurales. Les États membres auront également la possibilité de transférer jusqu'à 15 % de leurs dotations en provenance de la PAC entre les paiements directs et le développement rural et vice-versa, pour garantir le financement de leurs priorités et mesures. Des conditions de concurrence équitables seront garanties aux États membres par:

L'élaboration de plans stratégiques couvrant l'ensemble de la période qui décriront la manière dont chaque État membre prévoit d'atteindre les neuf objectifs définis au niveau de l'UE en matière économique, environnementale et sociale, en recourant à la fois aux paiements directs et au développement rural. La Commission approuvera chaque plan afin d'assurer la cohérence et la protection du marché unique.

La Commission suivra attentivement les résultats de chaque État membre et leur état d'avancement vers les objectifs convenus.

2. Des conditions plus équitables grâce à un meilleur ciblage de l'aide: Les paiements directs demeureront un élément essentiel de la politique assurant ainsi une stabilité et une prévisibilité aux agriculteurs. La priorité sera donnée au soutien des petites et moyennes exploitations qui représentent la majorité du secteur agricole de l'UE et à l'aide aux jeunes agriculteurs. La Commission reste déterminée à veiller à une répartition plus équitable des paiements directs entre les États membres grâce au processus de convergence externe.

En outre:

Les paiements directs aux agriculteurs seront réduits jusqu'à 60 000 € et un plafond sera appliqué aux paiements supérieurs à 100 000 € par exploitation. Les coûts de main-d'œuvre seront totalement pris en compte. Cela vise à garantir une répartition plus équitable des paiements;

Les petites et moyennes exploitations agricoles bénéficieront d'un niveau plus élevé de soutien par hectare;

Les États membres devront allouer au moins 2 % de leur dotation en paiements directs pour soutenir l'installation des jeunes agriculteurs. Ce soutien sera complété par une aide financière au titre du développement rural de différentes mesures facilitant l'accès aux terres et le transfert des terres.

3. Des ambitions plus élevées en matière d'environnement et d'action pour le climat: Le changement climatique, les ressources naturelles, la biodiversité, les habitats et les paysages sont tous inclus dans les objectifs proposés aujourd'hui à l'échelle de l'Union. L'aide aux revenus des agriculteurs est déjà liée à l'application de pratiques respectueuses de l'environnement et du climat et avec la nouvelle PAC, les



agriculteurs seront tenus d'atteindre un niveau d'ambition plus élevé en adoptant à la fois des mesures obligatoires et facultatives:

Les paiements directs seront subordonnés à des exigences accrues en matière d'environnement et de climat.

chaque État membre devra disposer de programmes écologiques pour aider les agriculteurs à aller au-delà des exigences obligatoires, et qui seront financés en partie par sa dotation nationale en paiements directs;

au moins 30 % de chaque dotation nationale destinée au développement rural seront consacrés à des mesures environnementales et en faveur du climat;

40 % du budget total de la PAC devrait contribuer à l'action pour le climat;

outre la possibilité de transférer 15 % entre les piliers, les États membres auront également la possibilité de transférer 15 % supplémentaires du pilier 1 vers le pilier 2 pour couvrir des dépenses relatives aux mesures environnementales et en faveur du climat (sans cofinancement national).

4. Une meilleure utilisation de la connaissance et de l'innovation La modernisation de la PAC mettra à profit toutes les récentes technologies et innovations, ce qui aidera à la fois les agriculteurs dans le domaine et les administrations, notamment en:

mettant à disposition un budget de 10 milliards € issus du programme Horizon Europe spécialement destiné à la recherche et à l'innovation dans les domaines de l'alimentation, de l'agriculture, du développement rural et de la bioéconomie;

encourageant les États membres à utiliser les mégadonnées et les nouvelles technologies dans leurs activités de contrôle et de suivi (par ex., en contrôlant la taille des exploitations pour les demandes de paiements directs, en se basant sur des données satellitaires), ce qui réduira la nécessité d'effectuer des contrôles sur place;

en accélérant la numérisation du monde rural, par exemple en élargissant l'accès à l'internet à haut débit dans les régions rurales, ce qui améliorera la qualité de vie dans ces régions et contribuera à renforcer la compétitivité de la production agricole européenne.

Prochaines étapes

La conclusion rapide d'un accord sur le budget à long terme de l'UE et sur ses propositions sectorielles est essentielle pour veiller à ce que les fonds de l'UE soient mis à contribution sur le terrain, dans les meilleurs délais et que les agriculteurs reçoivent la certitude et la prévisibilité nécessaires à leurs décisions commerciales et en matière d'investissements.

Des retards similaires à ceux que nous avons connus au début de la période budgétaire actuelle (2014-2020) pourraient signifier que les agriculteurs et les administrations nationales ne bénéficieraient pas des nouveautés introduites par la nouvelle PAC, telles que la réduction de la bureaucratie, une souplesse accrue et de meilleurs résultats. Tout retard dans l'approbation du futur budget freinerait également le lancement de milliers de nouveaux projets potentiels dans l'ensemble de l'UE, destinés à soutenir les agriculteurs et les communautés rurales, et portant sur des thèmes tels que le renforcement de la protection environnementale ou l'attraction de nouveaux exploitants.

Un accord sur le prochain budget à long terme en 2019 permettrait d'assurer une transition sans heurts entre l'actuel budget à long terme (2014-2020) et le nouveau budget, ce qui garantirait la prévisibilité et la continuité du financement, pour le bénéfice de tous.

ESTADOS UNIDOS

Faena de vacas contribuye a aumentar la producción pero pone en riesgo el aumento del stock

May 31, 2018 Drought is pushing more cows and heifers into the feedlot and to packers.

U.S. beef cow slaughter increased 10% through mid-April, in part due to herd liquidations stemming from drought in the southern Central Plains.

While industry predictions have called for slowed but continued beef cow herd expansion through 2019, the surge in beef cows at harvest is putting additional beef into the supply chain.

"The rise in cow slaughter comes at a time when fed steer and heifer slaughter has reached its highest level in five years, and last week's cattle on feed report found 5% more cattle in feedlots than last year," says Greg Henderson, editor of *Drovers*. "That means total beef production is on pace to increase 7.5% during the second quarter, with a total 2018 increase of nearly 5%."

An extended winter grazing period and dry weather pushed many calves to feedlots early, which is likely to disrupt fed cattle marketings through August. In the near-term, fed cattle market has slipped \$10 cwt in the past two weeks, Henderson said.

Drought continues to intensify in the Southern Plains, pressuring cattle producers.

The silver lining? Good packer margins are gobbling up available beef supplies. The start of summer grilling will also keep this market current.



How does each state stack up? Derrell Peel, Oklahoma State University Extension economist, says 2018 beef cow herd numbers are very similar to 2009 levels, but for different reasons. He offers a review in these factors in A Decade of Beef Cow Herd Dynamics.

NCBA aplaude ley que extiende el horario de los transportistas

TheCattleSite News Desk 24 May 2018 US - The National Cattlemen's Beef Association yesterday applauded the introduction of the Transporting Livestock Across America Safely (TLAAS) Act, saying it would reform federal Hours of Service (HOS) rules in a way that ensures animal welfare, highway safety, and the well-being of livestock haulers.

The bill was introduced by US Sens. Ben Sasse of Nebraska, Heidi Heitkamp of North Dakota, Jerry Moran of Kansas, John Hoeven of North Dakota, Jon Tester of Montana, Joni Ernst of Iowa, Marco Rubio of Florida, Tina Smith of Minnesota, Pat Roberts of Kansas, and Rand Paul of Kentucky.

"The current Hours of Service rules for livestock haulers present big challenges for our industry and can often jeopardize the health and well-being of livestock," said NCBA President and fifth-generation California rancher Kevin Kester.

"Hauling livestock is inherently different than hauling products like paper towels or bottles of water. Live cattle can't simply be left unattended in a trailer – especially in very hot or cold weather – for extended periods of time, and this bill takes that into account.

"Senator Sasse deserves a lot of credit for his leadership on this issue, and we thank all of the original cosponsors who stepped up to show their support for livestock haulers and cattle producers across this country."

Livestock haulers are scheduled to have to start using Electronic Logging Devices (ELDs) to track their driving times and distances on 1 October 2018. Under current rules, they would be required to turn on their ELDs after crossing out of the 150-air-mile radius from their loading point, after which they can only drive for 11 hours before taking a mandatory 10-hour break.

The TLAAS Act takes into full consideration the fact that there are living and breathing animals on the trailer that must be kept moving, and that they must get to their destination as quickly and as safely as possible.

This bill provides for more drive time for livestock haulers, as well as granting the flexibility for drivers to rest at any point during the trip without the break counting against HOS time. This bill also allows for another 150 air mile exemption on the back end of a livestock haul to account for the wait time that occurs when unloading live animals.

"Given the unique nature of livestock hauling – often very long distances between cow-calf operations and feedlots or processing facilities – and the fact that we're transporting live animals that must be treated humanely – this legislation is vitally important and I think it strikes a balance coupled with common sense for everybody involved," Mr Kester added.

"I hope Congress will pass this bill as quickly as possible so we can have this issue resolved before the ELD mandate for livestock haulers goes into effect on 1 October."

USMEF organizó campaña de promoción en SUECIA

TheCattleSite News Desk 28 May 2018 SWEDEN - USMEF met with both existing and potential customers of US beef from Sweden, Finland and Denmark at GastroNord, the largest food and beverage industry trade show in northern Europe. The promotion of US beef at the Stockholm event was funded by the Beef Checkoff Program.

The USMEF booth displayed US beef and featured educational materials on the US beef industry and information on how to buy US beef products. USMEF representatives answered questions about US beef's attributes and availability.

At the GastroNord show in Stockholm, Sweden, USMEF chef Jay McCarthy (wearing hat) cooks US beef and explains its advantages [Photo: USMEF]

Local distributors were also present at the show with displays of US beef cuts. Dafgards, a US beef distributor in Sweden, arranged a series of US beef master classes by USMEF chef Jay McCarthy.

"It was important for us to interact with distributors that already handle US beef and highlight the American beef industry's commitment to the European Union market," said Yuri Barutkin, USMEF representative in the EU. "

This is especially important given the tight capacity of the EU's duty-free beef quota. GastroNord provided an excellent opportunity to maintain our relationships with existing importers and to meet with importers from several countries in the region who are interested in US beef."

Mr Barutkin pointed out the demographics of the region and the reasons why US beef has great opportunities there.

"Host country Sweden has a population of 10 million and one of the highest living standards in the world," he said. "In fact, all countries in Northern Europe – Denmark, Sweden, Norway, Finland and Iceland – have



very high disposable incomes and standards of living. Because of that, US beef – a rather expensive, niche product for Europe in general – has a large target audience."

Sweden is already one of the leading markets for US beef in Europe.

"It should be noted that Sweden's HRI and retail sectors have very high penetration of US beef, which is visible at white table cloth restaurants, burger joints, diners and regular retail outlets," he added.

"Another important observation from the Swedish market and from the Northern European market in general is the attention consumers give to antibiotic use in US cattle production, animal welfare issues and environmental impact. It is important that we address those issues in our campaigns in these markets, and proactively pass that information on to our partners and distributors."

VARIOS

AUSTRALIA levantó la prohibición sobre el ingreso de carnes bovina del JAPON

TheCattleSite News Desk 29 May 2018

JAPAN - Australia lifted a 17-year-old ban on Japanese beef imports Tuesday, Japan's agriculture ministry announced the same day.

Nikkei Asian Review reports that the ban was imposed in September 2001 following an outbreak of bovine spongiform encephalopathy, commonly known as "mad cow disease" in Japan.

As Australians eat a lot of beef, the lifting of the ban promises to spur Japanese exports.

Tokyo has been pressing for a resumption of beef exports since 2004.

Under the terms of the agreement, exports to Australia must be processed at facilities authorized by Japan's Ministry of Health, Labor and Welfare.

According to the agriculture ministry, Australians consume 20.9kg of beef per person annually, more than three times as much as Japanese.

At a news conference following a cabinet meeting on Tuesday, Agriculture Minister Ken Saito said, "Australians have high income levels and there are high numbers of Japanese restaurants in urban areas. This is a good environment to receive Japanese beef." The government is considering ways to introduce Australian consumers to preparation methods and the unique characteristics of Japanese beef, he said.

NUEVA ZELANDA sacrificará 150.000 vacas para erradicar un peligroso virus

28/05/2018 El plan sanitario costará más de US\$ 600 millones, la mayoría de los cuales serán asumidos por el gobierno

El Gobierno de Nueva Zelanda anunció este lunes que sacrificará más de 150.000 cabezas de ganado para erradicar la enfermedad bacteriana *Mycoplasma bovis*, tras alcanzar un acuerdo con el sector ganadero.

La primera ministra, Jacinda Ardern, calificó como "difícil" la decisión de llevar a cabo este plan que se ejecutará en 10 años y supondrá un costo estimado de 886 millones de dólares neozelandeses (unos US\$ 615 millones).

"La decisión de erradicación está impulsada por el deseo del Gobierno de proteger el ganado nacional de la enfermedad y proteger la base de la economía, el sector ganadero", señaló Ardern en un comunicado.

"Tras hablar con los ganaderos afectados en las últimas semanas es obvio que está pasando factura pero no hacer nada y permitir que la enfermedad se propague solo crearía más ansiedad a los granjeros", añadió.

Las autoridades prevén ejecutar en los próximos dos años la mayor parte del plan, financiado en un 68% por el gobierno neozelandés y el 32% restante por DairyNZ y Beef+Lamb New Zealand.

La medida afectará a unas 192 de las 20.000 granjas que hay en el país.

La presidenta de la Federación de Ganaderos, Katie Milne, dijo que la decisión "causará dolor y trauma a las familias afectadas" pero que es mejor deshacerse de la enfermedad que vivir durante años con ella.

Las autoridades neozelandesas investigan cómo ingresó esta bacteria al país, donde fue detectada en julio del año pasado.

La bacteria *Mycoplasma bovis* causa neumonía y artritis en el ganado, así como infección en la ubre y abortos. No obstante, no afecta a los humanos ni supone un peligro a la seguridad alimentaria.

EMPRESARIAS

Minerva fue rehabilitada para exportar a IRAN

25/05/18 - por Equipe BeefPoint



A Minerva Foods, terceira maior empresa de carne bovina do país, obteve a autorização para voltar a exportar ao Irã. De acordo com a empresa, as divergências em torno das regras de abate halal (que segue os preceitos islâmicos) foram resolvidas.

A empresa recebeu o aval para retomar os embarques de carne bovina ao Irã no último dia 21 de maio. Na prática, a suspensão das exportações durou pouco menos de duas semanas.

A barreira iraniana, agora retirada, teve início em 10 de maio, quando a certificadora Halal Iran informou que a Minerva havia descumprido as regras do abate halal e que, por isso, estava proibida de exportar por 30 dias.

O Irã é o quinto maior importador da carne bovina do Brasil, respondendo por pouco mais de 4% das exportações dos frigoríficos do país.

URUGUAY Aumentan los rumores, ¿NH Foods muy cerca de comprar Frigorífico San Jacinto?

29/05/2018 - La compañía japonesa NH Foods ya cuenta con Frigorífico BPU, planta que lidera la faena de vacunos desde el 2014.

Desde principios de abril comenzaron comentarios importantes de que NH Foods mantenía negociaciones para la compra de Nirea SA. Y pasado más de un mes de los rumores, todo parecería que la compañía japonesa, que actualmente es propietaria de Frigorífico BPU, estaría muy cerca de incorporar al Frigorífico San Jacinto.

Al momento no hay confirmaciones oficiales de ambas empresas ni siquiera una posible cifra de venta, pero algo similar surgió en abril del año pasado cuando NH Foods compró BPU al empresario británico Terry Johnson por una suma de US\$ 135 millones.

El Grupo NH Foods, fundado en 1942, es una empresa líder a nivel global en la producción de alimentos. Hasta el año pasado poseía 155 establecimientos agropecuarios, 2 granjas ictícolas, 100 plantas de procesamiento, 3 centros de investigación y 361 puntos de logística y ventas, con presencia en 18 países y regiones fuera de Japón.

Actualmente, Frigorífico BPU es la planta que lidera la faena del 2018 con 78.641 cabezas, un total de 47.740 novillos y 30.209 vacas. Desde el 2014 a la fecha es la industria con mayor faena anual en el país. Mientras que San Jacinto se ubica este año en la octava posición con 53.120 animales procesados. Ambas plantas acumulan 131.761 cabezas, un 13,4% del total.

Principales empresas. De concretarse esta operación, NH Foods pasaría a ser la tercera empresa con más plantas frigoríficas en Uruguay, después de las compañías brasileñas Marfrig (cuatro) y Minerva Foods (tres).

En el acumulado anual, Grupo Marfrig suma 223.182 animales faenados, un 22,7% del total país; Minerva Foods 191.139 cabezas (19,4%), y NH Foods 78.641 vacunos (8%). Si se confirma la compra de Frigorífico San Jacinto, las tres principales empresas significarán el 55,5% de la faena total del país.

Al mismo tiempo, NH Foods podría pasar a lidera la plaza de ovinos, teniendo en cuenta que Frigorífico San Jacinto es un jugador muy relevante en este rubro. En este año han procesado 89.811 lanares, un 26% de la faena total.

Nirea SA. es una empresa propiedad de la familia Pérez Companc de Argentina y Pi de Uruguay.

URUGUAY Frigorífico Rosario retomó la faena con 250 vacunos semanales

26/05/2018 La actividad se lleva adelante tres veces por semana.

Frigorífico Rosario, ubicado en Colonia y de capitales, retomó sus actividades de faena después de dos meses y medio sin operaciones por conflictos con los trabajadores. La última actividad se había registrado el 28 de febrero, informó ayer el Diario Noticias de ese departamento.

La empresa Rondatel S.A. alcanzó un acuerdo con el sindicato (Semar), donde prevén retomar las faenas vacunas tres veces por semanas, con un proceso aproximado de 250 cabezas semanales, y operar con toda la plantilla de trabajadores.

La planta reinició sus actividades el pasado miércoles 16 de mayo. Según explicó Noticias, el mínimo de faena definido por convenio entre la empresa y los empleados es de 240 animales, entendiéndose que por encima de esa cifra se registra productividad.

Los operarios vuelven a sus puestos de trabajo en un momento particular en el mercado ganadero, con escasez de ganado y precios de la hacienda que están elevados. A medida que esta situación se normalice, la planta irá incrementando los días de actividad.

JBS USA anuncia emisión de títulos de deuda por US\$ 500 millones

01/06/18 - por Equipe BeefPoint

A JBS informou que sua subsidiária JBS USA concluiu na quinta-feira a captação de um "Term Loan B", adicional a um título semelhante já emitido pela companhia, no montante de US\$ 500 milhões. O custo foi de taxa Libor + 2,5%, com vencimento em outubro de 2022.



Segundo a empresa, a JBS USA optou por expandir o montante inicial de US\$ 450 milhões para US\$ 500 milhões e obteve um custo 25 pontos base melhor em relação ao inicialmente indicado, ambos devido à uma demanda mais de 2,5 vezes superior à originalmente prevista.

“Todos os recursos levantados serão destinados ao pagamento da dívida nos Estados Unidos e para as necessidades usuais de fluxo de caixa. A emissão bem-sucedida reforça a confiança do mercado financeiro na capacidade de gestão da companhia e na perspectiva para as operações internacionais da JBS”, comentou em nota José Batista Sobrinho, executivo-chefe global da JBS.

Fonte: Valor Econômico.